

EXPERIÊNCIAS DE IMERSÃO ESCOLAR COM O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM GEOGRAFIA: RELATO SOBRE O CONTEXTO SOCIAL, ESPAÇO E TEMPO NA ESCOLA PÚBLICA

Adriano Duarte Dalmolin¹
Luan Perretto de Andrade²
Elaine de Cacia de Lima Frick³
Karina Rousseng Dal Pont⁴

RESUMO

O Programa Residência Pedagógica (PRP), financiado pela CAPES, oportuniza a vivência em sala de aula para estudantes de licenciatura contribuindo para a formação. Vinculado ao curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná, as atividades foram iniciadas em novembro de 2022, que se constituíram na universidade em reuniões de planejamento, estudo de livros e textos, além de outras atividades formativas; e nas escolas idas semanais para observação, planejamento e aplicação de planos de aula. O trabalho objetiva relatar as atividades que ocorreram no Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, localizado no bairro Sítio Cercado em Curitiba partindo da questão: como a imersão no espaço-tempo escolar contribui para formação de professores? Semanalmente foram realizadas observações focando na organização de estratégias pedagógicas. As atividades aconteceram em duas etapas: a observação participante das aulas de Geografia e realização de uma intervenção. Na observação, fez-se um estudo do Projeto Político Pedagógico e contexto geográfico e social da escola, seguido do acompanhamento das aulas da professora preceptora. Nesse acompanhamento, foi usado diário, fotos e vídeos para registrar atividades. A partir das observações foi feita uma intervenção em cinco turmas de 8º ano sobre “Desenvolvimento no continente americano”, usando fotos e mapa, tendo como produto um questionário e um mapa da América produzido com colagens. Esta intervenção estimulou a percepção geográfica sobre os diferentes níveis de desenvolvimento. Consideramos que essas experiências aproximaram a universidade da compreensão do docência nas dimensões didáticas, pedagógicas e sociais. Projetos como esse aprofundam vínculos com a realidade de estudantes, professores e comunidade escolar.

Palavras-chave: educação geográfica; formação de professores; imersão no espaço-tempo escolar; ambiente escolar.

INTRODUÇÃO

O Programa de Residência Pedagógica tem o objetivo de formar os estudantes da Licenciatura através da imersão ao ambiente escolar. Esse relato é referente ao trabalho realizado no Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard, localizado no bairro Sítio Cercado em Curitiba-PR, sendo iniciado em novembro de 2022 com o projeto ainda em um período de

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, adrianodalmolin@ufpr.br;

² Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, luan.perretto@ufpr.br;

³ Professora orientadora: Doutora em Geografia, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná - UFPR, elainecacia@ufpr.br .;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, karinapont@ufpr.br.

ajuste de calendários devido a pandemia de COVID-19. Ao longo do primeiro semestre de 2023, iniciamos e finalizamos o primeiro ciclo de atividades, estas foram realizadas, no colégio juntamente com a preceptora, a professora Márcia Cristina Del Bianco. Aqui nossa rotina escolar enquanto estudantes e bolsistas do projeto envolveu a preparação de atividades e materiais; os estudos dos documentos curriculares, livros didáticos e do projeto político pedagógico da escola; monitoria; observação participativa das aulas, apoio ao trabalho a professora e regência protagonista. As atividades de acompanhamento e regência das aulas foram realizadas em cinco turmas do 8º ano dos anos finais do Ensino Fundamental no período da tarde. Englobaram aproximadamente vinte aulas de observação e dez aulas de regência. Além disso na universidade houve atividades de fundamentação teórico-prática, leituras, oficinas pedagógicas para orientação da residência.

Inicialmente a experiência na escola parece a mesma em todo lugar, mudando apenas o endereço, a padronização do ambiente já é conhecida pela experiência pessoal e também do ambiente acadêmico, participando de disciplinas obrigatórias da licenciatura, como Organização do Trabalho Pedagógico Escolar e Prática em Docência. Porém se analisarmos profundamente, além de ser apenas um reflexo das dinâmicas dos serviços públicos brasileiros/paranaenses as escolas também refletem muito do lugar onde estão. A escola é a impressão das problemáticas sociais do espaço e do tempo, então temos que considerar fatores como a conjuntura política e as condições físicas do colégio e as relações com seu entorno.

Durante o período de observações ficou evidente como as dinâmicas escolares mudam de geração pra geração, os estudantes mudam de comportamento porque vivenciam um período diferente, com influências de novas pessoas, novos conteúdos, novos tipos de mídia. Hoje é comum ver estudantes terminando as atividades com certa celeridade para poder jogar no celular, onde rapidamente vê-se um grupo jogando junto ou vendo alguém jogar. Coisas impensáveis em um passado não tão distante. Ainda que o colégio tenha uma política sobre o uso dos celulares em sala de aula, nós entendemos a dificuldade de evitar que os estudantes usem, por isso os professores não criam um enfrentamento com os estudantes sobre isso.

Essas observações só são possíveis a partir da imersão no ambiente escolar, são situações vividas por professoras e professores da rede pública e que a universidade precisa estar mais próxima, dando apoio pedagógico, didático e institucional. O uso do Programa de Residência Pedagógica como ferramenta de aproximação entre a universidade e a escola é importante para formação de novos professores e também como apoio a comunidade escolar para desenvolver atividades como planejamento de aulas e trabalhos acadêmicos sobre as realidades escolares.

Durante o período de imersão na escola tivemos muitos desafios, como a mudança do perfil das turmas observadas gerando um debate importante sobre como algumas turmas são tratadas pela equipe pedagógica e professores, e os impactos na formação desses estudantes. É de grande interesse estudar de maneira mais profunda algumas decisões tomadas pela equipe pedagógica e de como elas afetam a permanência dos estudantes no colégio, especificamente melhor o caso do 8º ano E, turma que reúne os estudantes em sua maioria repetentes e/ou transferidos, apresentadas pelos professores como a “turma mais difícil” de trabalhar, justamente essa mesma turma que demonstrou muito interesse em participar de uma atividade diferenciada proposta pelos bolsistas residentes.

Como objetivo geral, este relato de experiência busca apresentar o entendimento do ambiente escolar e do contexto da escola, relacionando o tempo e o espaço com as dinâmicas sociais que influenciam diretamente nas aulas e no trabalho da equipe do colégio. Identificando os impactos de novas dinâmicas na aplicação de atividades na motivação dos estudantes; Além de refletir sobre a formação inicial do docente em geografia; E como lidar com as mudanças pedagógicas pelo uso das tecnologias em uma escola periférica.

METODOLOGIA

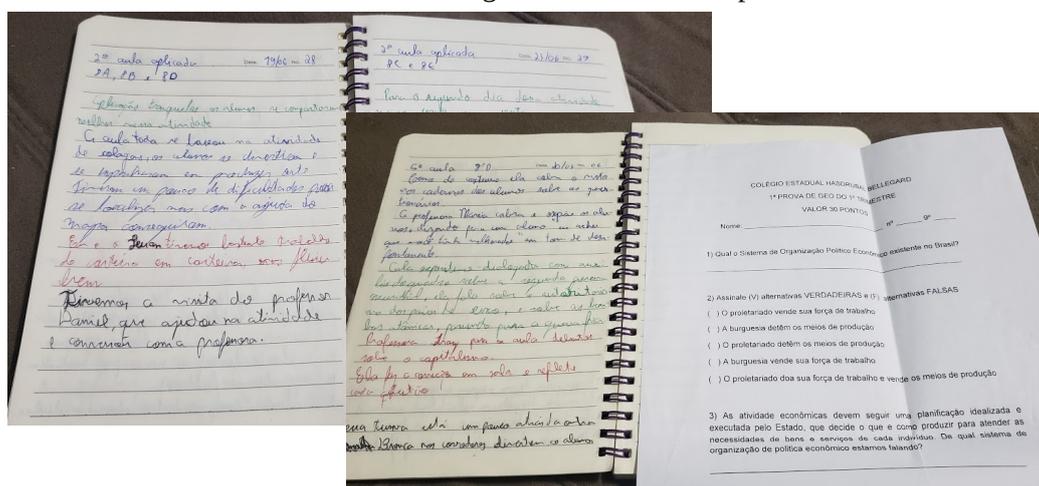
De acordo com Bridget Somekh (2015, p. 183) “O principal instrumento de pesquisa é o ‘eu’, que colhe conscientemente dados mediante a visão, o ouvido, o gosto, o cheiro e o toque.”, então entendemos que as percepções são essenciais para o desenvolvimento de um trabalho de campo. Por isso o registro a partir das memórias permeiam o trabalho. Para além dos registros em fotos, existem também as memórias compartilhadas nesse relato.

O ambiente escolar é rico em sensações, táteis, cheiros, o que é ouvido e percebido estimula o estudante, e claro, a professora e o professor, são informações que não podem ser esquecidas em uma análise sobre o lugar. A escola traz uma sensação nostálgica, o giz deixa os dedos ressecados, os sinais de intervalo deixam alerta, a comida deixa o cheiro e esse ambiente de estímulos também faz parte da formação. Para as professoras e professores não é diferente, então o/a estudante da graduação, participando do programa como o da residência pedagógica, tem a oportunidade de também reviver todas essas sensações, agora como ambiente de trabalho, como responsável por tornar esse ambiente, que é normalmente hiper estimulante para o estudante, em um ambiente seguro e saudável.

Com o intuito de exercitar a escrita e servir como memória, o diário de campo é uma ferramenta importante, pra registrar todas as percepções, usando métodos distintos e pessoais,

e isso exige do observador a dedicação em ser o mais descritivo possível. A parte mais empolgante em fazer um trabalho de campo é registrar esses momentos e poder compartilhar futuramente. Faz parte de uma boa prática colar no diário todo material coletado, como provas e atividades, sendo que é esse hábito que aumenta a riqueza dos encontros, reuniões e aulas. Desde a primeira visita esse diário (Figura 1) vem sendo mantido datando as reuniões e aulas assistidas, observando o comportamento dos estudantes e a forma de avaliação da professora preceptora, já que ela serve como modelo para quem está fazendo residência pedagógica. Claro que os registros do diário acabam sendo um pouco repetitivos por conta da sequência das aulas, então vem a importância de manter um olhar treinado para identificar comportamentos diferentes, essas anotações tendem a enriquecer o relato, com registros pessoais, às vezes poéticos, mas igualmente valiosos.

Figura 1. Diário de campo



Fonte: Acervo dos autores

Como imagens, foi buscado fazer o registro fotográfico, procurando um olhar diferente sobre a escola, adicionando lentes pessoais sobre a câmera para ter uma imagem que foge o óbvio. As imagens têm o poder de representar um som e o ambiente escolar, que é cheio de sons, pode emular essa sensação. As fotos de um ambiente interior de uma escola possuem cheiros, sons, sabores e com o ângulo certo é possível identificar. Fazer um novo caminho para um novo colégio, um caminho que não era conhecido também faz parte das percepções, assim como o que é notado dentro do colégio faz parte da experiência, tudo que foi passado nesse período de conexão com a escola onde foi realizado o trabalho e os estudantes deixam marcas no trajeto, tanto no espaço quanto no tempo.

CARACTERIZANDO O COLÉGIO ESTADUAL HASDRUBAL BELLEGARD

O Colégio Estadual Hasdrubal Bellegard tem um Projeto Político Pedagógico (PPP) não publicado ainda, estando em processo de reformulação que data de 2021, mas o documento não é levado muito em consideração pela equipe da escola nas atividades em geral justamente pela dificuldade de encaixar as novas normas do governo do estado do Paraná a realidade escolar.

A caracterização do espaço escolar faz parte do relato e serve para ambientar todo o trabalho, desta forma sua descrição será apresentada. O colégio possui muitos espaços (Figura 2), todos eles foram visitados durante os dias de residência. Possui três blocos com salas de aulas, duas quadras poliesportivas (coberta e descoberta), biblioteca, sala de informática, secretaria, sala das professoras e professores, sala das pedagogas, sala de recursos, sala da diretoria, cozinha, banheiros, cantina, estacionamento, jardim e áreas de convivência para as/os estudantes. Todos os ambientes do colégio são relativamente bem equipados e, por exemplo, possui uma biblioteca com um acervo de obras literárias que fazem parte do Plano Nacional do Livro Didático - PNLD. Nas visitas à biblioteca encontramos estudantes fazendo trabalhos, professores usando computador, pedagogas fazendo atendimentos e funcionários organizando o espaço. Durante esse período a própria biblioteca tem servido como ponto de encontro e estudos para nós, residentes do programa Residência Pedagógica.

Figura 2. Espaços Escolares



Fonte: Acervo dos autores

O que foi experienciado dentro desses espaços em cada um dos seus contextos trouxe muitos temas dignos de debate, sobre sua importância e o que era mais significativo para o nosso aprendizado, e sempre que acessávamos um novo espaço, era inevitável comparar com o que vivemos durante a nossa vida no ensino fundamental e médio, a escola nos proporciona vivências, de acordo com Elizeu de Souza (2007, p. 62) “quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e autorreferente, situa-se também num contexto histórico e cultural”, mas o que sempre vem à tona é a capacidade da escola de criar relações entre os estudantes e professores, mais do que um lugar onde pessoas frequentam, mas onde interagem de maneira organizada.

Dentro do contexto da escola tanto as/os estudantes, quanto professores e professoras, estão localizados naquele ambiente, e não podemos deixar de considerar o quanto o meio interage com as pessoas e molda o comportamento de todos, pensando nisso, Freire nos conta como “fica clara a importância da identidade de cada um de nós como sujeito, educador ou educando, da prática educativa. E da identidade entendida nesta relação contraditória, que somos nós mesmos, entre o que herdamos e o que adquirimos” (FREIRE, 1997, p. 64).

É possível através de uma simples observação analisar que a escola, também peca pelo excesso de informação, parte pela influência da mídia e parte pelas políticas públicas que insistem em colocar o ensino em caixas, sistematizando todos os processos, da burocrática administração escolar aos planejamentos de aula. De acordo com Larrosa:

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir nos como sujeitos informantes e informados. (JORGE LARROSA, 2002, p. 21).

A forma com que lidamos com o excesso de informação mostra como estamos matando as experiências dentro da escola, por isso é necessário resgatar as atividades não-convencionais, aplicar sempre atividades alternativas, para poder sair da rotina das aulas prontas que os professores e professoras tem acesso através do sistema do governo⁵. As aulas preparadas pela secretaria de educação do estado são simplórias, e por mais que conte com o

⁵ Hoje o Estado do Paraná está trabalhando sob a tutela de uma secretaria da educação que impõe as escolas estaduais um modelo autoritário que deixa docentes e a secretaria refém desses processos burocráticos;

esforço de profissionais, ainda é resultado de uma “política pública pacoteira”⁶ (FREIRE, 1997) que vem sendo implementada.

O ambiente escolar precisa ser saudável, limpo e seguro. As/os estudantes, professores/as, equipe pedagógica e administrativa dividem esse espaço, e dividem todas essas sensações. Quando compartilhado, tudo potencializa, pois vira assunto, vira debate. Durante nossas observações passamos por momentos como treinamento e simulação de incêndio e de ataques, acontecido uma série de ameaças a níveis nacionais⁷, então houve uma ação da escola para isso. O desafio naquele momento era traduzir a ação da escola de simulação de um ambiente hostil e sobrevivência em uma ação coletiva e coordenada, o que é muito difícil. Essas ações compartilhadas e que exigem cooperação expõe as ligações dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar, os estudantes muitas vezes não entendem o senso de coletividade, pois, já vem embarcados com o sentimento da individualidade.

A escola é um local de vivência, aprendizagem e troca, é ali que muitas crianças e adolescentes têm seus primeiros contatos com um grupo maior, é onde acontece suas primeiras relações interpessoais, além das que acontecem em família, questões que, independentemente do lugar, contexto e realidade dos estudantes, acabam sendo as mesmas e já que todos tem a mesma referência sobre o que é o meio escolar: Um terceiro espaço, um lugar onde aprendemos a conviver, então é importante usar o lugar escola para ensinar a importância do viver em grupo e pensar no bem-estar de todos os envolvidos.

Durante a coleta de informações, observação e registros das turmas no colégio foi possível identificar muita diversidade e com dinâmicas diferentes entre os estudantes. Partindo do pressuposto que uma escola de bairro periférico apenas reflete a realidade do seu entorno, os estudantes trazem para dentro da sala de aula os problemas sociais vivenciados. O retrato da periferia carregado por eles somado às questões que remetem ao momento da educação brasileira de precarização constrói um cenário de desafios para os profissionais da educação.

Ainda que em uma região periférica⁸, é importante ressaltar o papel do Estado em proporcionar aos estudantes um espaço para aprendizagem e convivência adequado. Para além das atividades regulares a oferta de atividades no contraturno, oferecendo um ambiente organizado e seguro, pois com disponibilidade de cursos os estudantes seriam estimulados a

⁶ Paulo Freire usa o termo pacoteiro para se referir as políticas públicas que através de imposições deixa a comunidade escolar refém dessas práticas;

⁷ Em 20 de Abril de 2023 aconteceram supostas ameaças de ataques que alarmaram toda a comunidade escolar. A data era em alusão ao massacre de Columbine nos Estados Unidos que ocorreu em 20 de Abril de 1999;

⁸ O bairro Sítio Cercado está localizado no extremo sul da cidade de Curitiba-PR, possui 115.525 habitantes e a renda abaixo da média da Cidade e uma das maiores taxas de criminalidade do município. (Censo 2010)

participar das atividades. Essas ações ajudariam a mitigar o impacto dos problemas sociais (como a falta de oportunidades, baixa renda, desemprego, etc) pois com a oferta de educação digna é possível entender seus papéis como sujeito na sociedade.

Porém, o mesmo estado que tem a obrigação de democratizar a educação, impõe novas soluções aparelhadas em sistemas ineficazes e com pouco ou nenhum impacto real, por exemplo, o “Educatron” (Figura 3), ferramenta implementada pelo governo do estado como inovação (computador com monitor e periféricos), que é uma presença quase invisível raramente utilizada pelos professores.

Durante muitas das visitas foi visto na tela propagandas de cursos técnicos focados no agronegócio, ou de *games* inseridos na educação, mas em momento algum os estudantes demonstraram interesse na imagem na tela, como outdoors em rodovia, desvia o foco, polui a imagem e não tem mais tanto alcance como peça publicitária que tinham em outros momentos, mas, com certeza acendeu um alerta sobre que tipo de informação é colocada nos papéis de parede e descansos de tela.

Figura 3. Sala de aula equipada com o sistema “Educatron”



Fonte: Acervo dos autores

Interessante observar que ao mesmo tempo que a secretaria de educação do estado do Paraná oferece sistemas e plataformas digitais como recursos complementares, observamos a falta sistemática de livros didáticos, visto que os mesmos são insuficientes para todos os estudantes da escola, e os professores de algumas disciplinas precisam revezar os livros entre as turmas e os estudantes não podem levá-los para casa. Assim, os professores não conseguem passar atividades dos livros para serem feitas em casa. Talvez esse seja um dos motivos de poucos professores usarem os livros didáticos. Esse caso é um retrato das políticas públicas impondo a plataformização do ensino nas escolas, criando um modelo dependente dos sistemas e suas burocracias. Hoje as atividades são feitas pela internet, inclusive as que valem

nota para o estudante, não levando em consideração a qualidade de acesso a um celular ou internet, e aqui sempre bom lembrarmos, estamos falando de uma escola periférica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação geográfica tem um papel adicional, de formar cidadãos críticos, pois através do exclusivo olhar geográfico, o/a estudante em formação precisa entender as dinâmicas da escola e como isso vai servir para o seu futuro. A lente da geografia é imbuída naturalmente com a crítica, pois ao enxergar o espaço, principalmente onde eles vivem e já conhecem, eles verão onde o estado erra, tudo o que falta em um bairro na periferia e quais ações devem ser tomadas pelo poder público para melhorar a qualidade de vida dos moradores, que aqui envolve família e amigos, ressaltando o senso de coletividade.

Ao pensar em como desenvolver uma atividade que saísse dos modelos tradicionais e trazendo um pouco do senso crítico das aulas de Geografia, foi planejada uma intervenção com os estudantes, dentro do planejamento da professora preceptora, que consistia em duas aulas com atividades cujo tema era “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento no continente americano”. Entendemos que a melhor maneira de aplicar a atividade seria para todas as cinco turmas de 8º ano do vespertino, pois além da expectativa que os/as estudantes criaram, sentimos que trabalhar apenas com a turma que são consideradas mais fáceis não traria a realidade do colégio. As turmas do 8ºA ao 8ºD seguiam um padrão de resolução de atividades, são turmas divididas praticamente em igualdade entre meninas e meninos onde a maioria se considera branca ou parda. Esse perfil muda quando trazemos o 8ºE a tona. Essa turma tem a média de idade maior, já que muitos estudantes são repetentes, a maioria da turma é formada por estudantes negros e tinha a presença de dois alunos imigrantes da Venezuela.

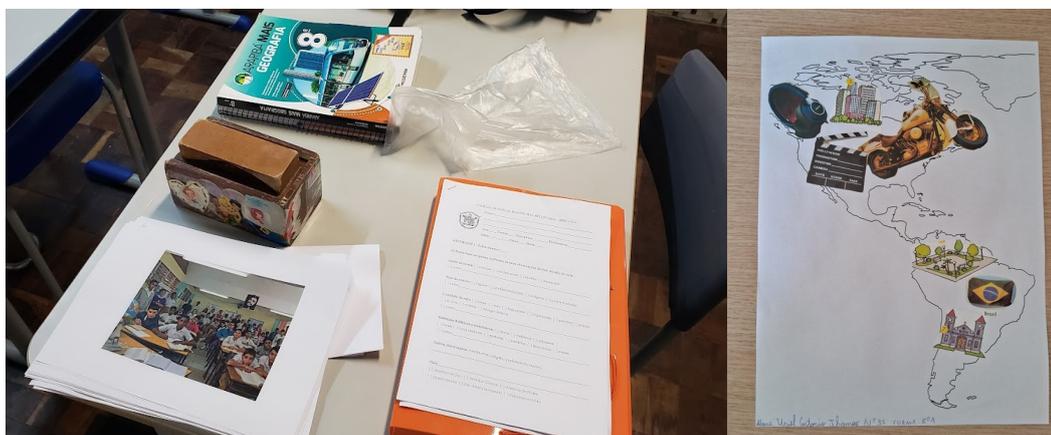
Visto o histórico de uma turma-problema, por que não deixar essa turma e aplicar nas mais fáceis? Esse questionamento levantou outro feito por Paulo Freire em “A Pedagogia da Autonomia” (2002, p. 27) “como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”. No exercício da função de educador, é importante que saibamos lidar com todas as realidades, despender minha amorosidade para entender a turma, aprender a dialogar com esses estudantes e nunca esquecer de considerar toda a carga que trazem consigo.

Na primeira aula, foi realizado a divisão da sala em grupos de 4 a 5 integrantes, e para cada grupo foram dadas duas fotografias, uma delas retratava uma sala de aula e outra uma

paisagem urbana ou natural, com as fotos em mãos as/os estudantes teriam que identificar elementos que poderiam indicar padrões de riqueza e desenvolvimento. Após as interpretações das/dos estudantes sobre as imagens um formulário foi disponibilizado, o qual continha questões que, depois de respondidas, orientariam as respostas referente aos lugares das fotos (se viam casas, prédios ou se a sala de aula era limpa ou suja, se precisava de obras ou era nova). Após identificarem esses elementos nas fotos, foi passada uma lista de países, em que deveriam identificar onde poderia ser. No fim da dinâmica houve a revelação de quais eram os países e foi explicado o contexto de cada foto, a partir disso foi realizada uma aula expositiva dialogada. Para incluir os estudantes na atividade, junto com as fotos da sala de aula, foi colocada embaralhada uma foto da sala da turma que estávamos aplicando a atividade, e isso motivou o debate usando o próprio colégio como ponto de partida.

A segunda atividade, foi a produção de um mapa utilizando de recortes e colagens para reconfigurar o continente americano de acordo com as suas percepções, aqui nessa atividade tivemos ótimas surpresas, sobre como os estudantes entenderam criticamente a questão da riqueza e da pobreza até mesmo em países desenvolvidos, a sensação de que foi uma atividade diferenciada veio com o resultado das colagens da turma do 8ºE, turma frequentemente mencionada pelas professoras e professores como a turma mais complicada daquele período (Figura 4). A percepção sobre a turma do 8ºE veio durante o período de observação, quando em muitos momentos os estudantes pediam atividades diferentes do modelo que a professora preceptora trabalhava, pois estavam cansados dos questionários e das aulas iguais, então entendendo o pedido dos estudantes e também da rotina cansativa da professora, a atividade foi pensada para eles. O desempenho dessa turma não foi necessariamente uma surpresa, pois é possível perceber que todos são criativos, a principal questão é sempre a falta de estímulos para desabrocharem esse conhecimento.

Figura 4. Atividades aplicadas durante a intervenção



(Fonte: Acervo dos autores)

Em todos os pontos discutidos, e sabendo da necessidade de políticas públicas mais seguras e inclusivas para a população, como residentes de um programa que foca numa educação de qualidade, fomos tocados pela forma como as professoras e professores junto com as outras pessoas envolvidas com o colégio (pedagogas, diretores e funcionários) trabalham com o coração. O exercício da profissão exige muito mais do que uma simples entrega da força de trabalho, exige amor e orgulho pelo ato de exercer. Trabalhar com educação é um constante desafio pela falta de investimento e pelas imposições das políticas públicas questionáveis do estado submetendo os envolvidos ao trabalho precarizado. O professor precisa se apropriar da posição em sala de aula pela valorização profissional, isso vai impactar os próximos formandos das licenciaturas. Nesse período de participação no cotidiano escolar, não faltaram palavras de apoio, em um ambiente de empatia ao receber novos profissionais. O apoio vindo de quem já passou por esse momento é fundamental.

As questões que formam o professor vão além da sala de aula e é importante resgatar a perspectiva crítica da geografia, a educação não pode ser bancária, como dito por Paulo Freire (FREIRE, 1996), esse ponto deve direcionar as discussões sobre como o mundo e a escola não estão separadas. A preparação do estudante da licenciatura em Geografia deve trazer o mundo para a sala de aula, conciliando o conhecimento prévio dos/das estudantes e suas realidades como modelo, deve sempre buscar deixar um legado para os/as estudantes sobre o lugar que ocupam e a importância da escola no seu futuro.

Consciência espacial, entendimento da localização e o exercício da crítica são ferramentas poderosas na formação dos cidadãos no futuro, por isso esse trabalho precisa ser feito desde muito cedo, sem medo de represálias políticas, já que muitas vezes esse pensamento é interpretado de maneira errônea. É indissociável da escola o papel do ensino teórico e crítico, por isso provocamos esse debate insistentemente durante a aplicação das atividades em sala de aula, mesmo de maneira lúdica, usando exemplo de outros lugares, assim o/a estudante consegue se localizar naquele lugar, fazendo o exercício da empatia.

Durante esse período de imersão no espaço escolar foi possível identificar turmas diversificadas e com dinâmicas internas diferentes e com isso saber trabalhar com essas diferenças, fazemos então o exercício de lembrar o relato sobre a turma problemática do 8º ano E. Isto nos prova que precisamos ter em mente uma prática importante para a docência, como descreve Paulo Freire “uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com

o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante” (2002, p. 18). Entendendo que o ambiente escolar é um espelho da comunidade, os/as estudantes trazem para dentro da sala de aula os problemas sociais vivenciados diariamente.

O retrato da periferia carregado pelos estudantes somado ao momento de precarização da educação pública no estado constrói um cenário de desafios e é importante lembrar isso, pois existe um longo caminho para trilhar no âmbito das práticas educacionais, tudo o que coletamos de material pode, no futuro, servir de embasamento para novas políticas públicas e planejamento da educação a nível nacional. Nesse sentido é importante retratar a realidade da maneira mais crua, com sensações e sentimentos, pois o espaço escolar e seus elementos fazem parte da construção do ser-humano. Pensar e repensar esse espaço deve ser central nas práticas e didáticas do professor, buscando novas maneiras de ser a escola, que mesmo sendo um espaço especializado em ensino conteudista, também é sobre a vida. É essencial que o significado de escola continue sobrepondo esse conceito de educação bancária e consiga formar as/os estudantes de maneira crítica e como parte de um grande organismo social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. Pp.57-76. 1996.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D'água, 1997.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: Revista Brasileira da Educação, Rio de Janeiro, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr., 2002.

SOMEKH, B.; JONES, L. **Observação**. In: SOMEKH, B.; LEWIN, C. (Org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

SOUZA, E. C. **Memória e Formação de Professores - (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**, EDUFBA, 2007.